

Resenha

RAND, Ayn. **Cântico**. 1.ed. São Paulo: Vide, 2015. 115 p.

Patrícia Costa Pereira da Silva
Universidade Federal Fluminense, Brasil

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2023.v23n1.p115-119>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

EGO

“E aqui, à frente dos portões do meu Forte, cunharei na pedra a palavra que constitui minha referência e minha bandeira. A palavra que nunca morrerá, mesmo que morramos em batalha. A palavra que não pode morrer nesta terra, pois ela representa seu coração, sua glória, seu sentido...A palavra sagrada: EGO.”
(Igualdade 7-2521, herói da obra *Cântico*)

Ayn Rand nasceu em São Petesburgo, Império Russo czarista, no dia 02 de fevereiro de 1905, sob o nome Alisa Zinov'yevna Rozenbaum, e faleceu na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 06 de março de 1982. Estudou Filosofia e História no Departamento de Pedagogia Social da Universidade de Petrogrado. Fugindo do comunismo, Rand mudou-se para os Estados Unidos em 1926, onde deu início a sua bem-sucedida carreira de escritora.

Rand é a fundadora do Objetivismo, um sistema filosófico, de orientação aristotélica, que estabelece o individualismo racional, a partir da realidade objetiva. Na intenção de apreender a objetividade da realidade, faz-se necessário que os homens utilizem a razão como o único meio. A autora evidenciou e divulgou largamente seu sistema filosófico através de sua extensa produção literária ficcional – como *A Revolta de Atlas* (2010) e *A Nascente* (1943) - e, claro, através de obras acadêmicas – como *Philosophy: who needs it* (1984) e *For the new intellectual* (1961).

O enredo de *Cântico* começou a ser desenvolvido por Rand quando ela ainda era uma adolescente que vivia na Rússia por volta dos anos 1920. Em

1937, enquanto desenvolvia a trama de *A Nascente*, Rand escreveu um romance lírico e futurista, que apresenta o embate entre o indivíduo e o coletivismo: *Cântico*. Para Rand, coletivismo é “(...) subjugar o indivíduo a um grupo – seja o grupo racial, de classe ou ao estado.” (RAND, 1944,p.8)

O agente literário de Rand vendeu a referida obra para uma editora britânica, que a publicou em 1938. Aproximadamente sete anos depois, o gerente geral da Câmara de Comércio de Los Angeles, Leonard Read, visitou Rand e seu marido, Frank O'Connor, que viviam em Nova York. Read comentou que alguém deveria escrever um livro defendendo o individualismo. Rand falou, então, sobre *Cântico*, e a pequena editora de Read, de orientação libertária – a Pamphleteers –, lançou a edição americana em 1946.

Rand tinha intenção de intitular a obra como “Ego” em vez de *Cântico*¹. A autora mudou o título pois gostaria de inserir uma conotação religiosa ao processo de adoração ao indivíduo que aparece na obra. Rand entendia ego como um símbolo do eu humano (BARRETO, 2015). A devoção ao ego humano está em consonância com os princípios básicos da filosofia da autora, o Objetivismo, a saber: razão, individualismo e desejo. A temática central de *Cântico* é o conflito do indivíduo contra o coletivo, que é a pedra fundamental do pensamento randiano.

O núcleo da obra é, basicamente, a luta do herói para pensar e agir livremente, em conflito com a ordem governamental totalitária que o oprime. No período em que Rand se dedicou à produção da obra nos EUA, tanto o nazismo quanto o comunismo eram idéias com algum grau de respeitabilidade intelectual; muitos intelectuais americanos saudaram os regimes nazista, fascista e comunista como “experimentos nobres” (BERENSTEIN, 2000, p. 7). Para Rand, nazismo, comunismo e fascismo são verdadeiros exemplares de ideologia política coletivista. A autora observava, ainda, uma tendência crescente de práticas coletivistas nos EUA; *Cântico*, então, traz um alerta para que haja uma guinada nesse padrão.

O herói de *Cântico* é Igualdade 7-2521, um jovem ávido pela compreensão da origem de todas as coisas. O jovem pretendia tornar-se um

¹ A obra foi publicada, em língua inglesa, com o título de *Anthem*. Na edição brasileira, os tradutores optaram por usar *Cântico* em detrimento de Hino em razão da manutenção da conotação religiosa que Ayn Rand tencionava.

cientista, profissão que daria vazão a sua vasta curiosidade. Contudo, o Conselho de Profissões decidiu que ele serviria mais e melhor à sociedade sendo um varredor de rua. O local em que Igualdade 7-2521 vive pode ser localizado num futuro distópico, no qual o pensamento próprio e independente é um crime capital e a ciência e a tecnologia regressaram ao nível mais primário.

No estado em que vive Igualdade 7-2521 controla a tudo e a todos, não existe liberdade. Esse controle acontece desde o nascimento até o fim da vida e, como consequência, levou a um retrocesso cultural e tecnológico da sociedade. As pessoas não possuem nomes próprios; elas são classificadas e são numeradas. Há vários conselhos que regulam até as mínimas atividades sociais; e cabe aos ungidos homens que integram esses conselhos dirigir centralmente a sociedade para que cada indivíduo se encaixe no lugar em que servirá melhor ao todo.

André Assi Barreto, bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo, escreveu uma excelente apresentação para a versão brasileira de *Cântico*. Segundo Barreto, o ambiente que vive Igualdade 7-2521 pode ser descrito como

(...) aquele que Hitler desejava instalar, onde não apenas bancos e indústrias seriam nacionalizados, estariam de joelhos perante o Estado, mas onde banqueiros e industriais estariam completamente estatizados. Vemos diversos elementos disso no romance, entre eles: as alcunhas genéricas que cada habitante carrega: Igualdade, Fraternidade, Internacional etc, bem como os números de identificação (como os dos judeus nos campos de concentração) que servem apenas para caracterizar as pessoas como meras engrenagens sociais, nomes próprios e específicos demonstrariam um resquício de consciência individual que não pode ser permitido e não deve sequer ser concebido pelos que habitam essa ditadura global. (BARRETO, 2015, p. 11)

No estado que o herói da obra vive, ocorre o que pode ser chamado de rescisão das faculdades individuais: a individualidade é extinta por completo, a ponto da palavra “eu” ou qualquer referência à primeira pessoa (como a palavra “meu”) serem proibidas. Nesse contexto, o coletivismo atingiu o seu propósito último e tudo o que existe é um largo “nós”:

(..) Quaisquer referências à primeira pessoa como “eu” ou “meu” estão abolidas, são desconhecidas e quando surgem na mente ou boca de alguém representam o maior pecado que se pode cometer. Conforme diz o lema inscrito no Palácio do Conselho Mundial, tudo que existe é o “grandioso NÓS”. (BARRETO, 2015, p. 11)

Um aspecto que chama a atenção na obra é a escolha da autora em não utilizar pronomes em primeira pessoa: ninguém se refere a si mesmo como “eu”, mas sim como “nós”. A substituição do “eu” por “nós” pode tornar a obra de difícil leitura para leitores iniciantes, mas, sem dúvida, confere excentricidade e originalidade à mesma.

A abolição de palavras é um dos sintomas da ordem totalitária que é contada na obra; a perversão da linguagem é instrumento necessário para pavimentar a manutenção do poder. Segundo o filósofo germano-americano Eric Voegelin (2008), “as ideologias destroem a linguagem, uma vez que, tendo perdido o contato com a realidade, o pensador ideológico passa a construir símbolos não mais para expressá-la, mas para expressar sua alienação em relação a ela” (p.39).

Em *Cântico*, o processo que levou a extinção dos pronomes em primeira pessoa se deu em alguns séculos; restou-se, então, breves menções à “palavra imponunciável”. Ao final do romance, quando Igualdade 7-2521 e sua amante, Liberdade 5-3000, estão redescobrimo a palavra “eu” – até então proibida -, passam por um interessante conflito mental quando, de forma intuitiva, tentam se expressar usando percepções de individualidade. Naquele momento, no entanto, não conseguem: suas mentes o compelem a alguma tentativa de expressão individual autônoma. Andrew Berenstein, em *Rand’s Anthem*, explica como funciona a rescisão da individualidade em *Cântico*:

O estado fictício do romance obteve êxito em expurgar todos os conceitos de personalidade individual, extirpando dos seres humanos todos os meios para até mesmo pensar como indivíduos. Este ato é a mais profunda forma de controle de pensamento já atingida. Os cidadãos iludidos têm apenas um único conceito de si próprio disponível – fragmentos soltos de um grupo. Todos pensam em si mesmos como amontoados de massa disforme sem nome, sem face e sem individualidade. (BERENSTEIN, 2000, p. 66).

Cântico é uma brava afirmação de liberdade, que vai muito além de romances anti-totalitários mais famosos, como *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley e *A Revolução dos Bichos* (1945) e *1984* (1949), de George Orwell. Em *Cântico*, ainda que vivendo num ambiente bastante autoritário, as personagens demonstram algum grau de individualidade: o herói, por exemplo, continuou a aperfeiçoar suas habilidades individuais, apesar das proibições estatais. A persistência nesse aperfeiçoamento leva Igualdade 7-2521 a

redescobrir a palavra “eu” e a pensar por si só, de forma independente. O processo de pensar só pode ser feito individualmente e é necessário para construção do indivíduo: “penso, portanto sou.”

REFERÊNCIAS:

BERENSTEIN, Andrew. **Rand’s Anthem**. Foster City: IDG Books, 2000.

RAND, Ayn. **Cântico**. 1.ed. São Paulo: Vide, 2015. 115 p.

RAND, Ayn. **The only path to tomorrow**. Reader’s Digest, ed.8, 1944.

BARRETO, André Assi. Apresentação. In: RAND, Ayn. **Cântico**. 1.ed. São Paulo: Vide, 2015. 115 p.

VOEGELIN, Eric. **Reflexões Autobiográficas**. São Paulo: É Realizações, 2008.

DADOS DOS AUTORES

Patrícia Costa Pereira da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduada em Comunicação Institucional pela Universidade Estácio de Sá, especialista em Direito Educacional pelo Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Realizou doutorado-sanduíche na Ohio University com bolsa Capes, sob supervisão da Professora Doutora Renee Middleton. . É pós-doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação da Professora Felícia Picanço. Atualmente, exerce a função de Assessora de Comunicação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *E-mail:* patthyp@gmail.com